

JUVENTUDES, BAIRRO E COTIDIANO EM JUIZ DE FORA

Rafael Santos Silva

Graduado em Geografia, UFJF.
silvars777@gmail.com

Clarice Cassab

DEGEO/UFJF
clarice.torres@ufff.edu.br

Resumo

Este trabalho tem como finalidade analisar e discutir as formas pelas quais jovens de dois grupos de bairros, de perfis econômicos distintos, na cidade de Juiz de Fora, constroem as imagens e estabelecem os usos de seus locais de residência. O trabalho parte do entendimento da centralidade do bairro para a construção de sentidos de pertencimento e afinidade, a partir de seu uso e da organização coletiva que os indivíduos criam no seu dia-a-dia. Para tanto, o trabalho realizará uma comparação entre jovens residentes do Santo Antônio e Vila Esperança II, e Bom Pastor e Granbery da cidade de Juiz de Fora.

Palavras-chave: jovem, bairro, espaço público

Abstract

This work aims to analyze and discuss the ways by which teenagers from two neighborhoods, from distinct economic profiles, in the city of Juiz de Fora, build images and establish the use of their living places. The work begins from the understanding of the centrality of the neighborhood to the construction of belonging and affinity senses, by its use and collective organization, that each person creates daily. Therefore, this work will realize a comparison between teenagers residents neighborhoods in St. Anthony and Village Hope II, and Good Shepherd and Granbery the city of Juiz de Fora.

Keywords: teenagers, neighborhood, public space

Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa “Jovens e a cidade: um estudo em Juiz de Fora”,¹ realizada pelo grupo Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação – NuGea, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Na pesquisa, foram escolhidos quatro bairros de perfis distintos. São eles: Santo Antônio do Paraibuna (Zona Leste), Vila Esperança II (Zona Norte),

Granbery (Zona Central) e Bom Pastor (Zona Sul). Os dois primeiros caracterizam-se por serem locais de classe baixa enquanto os últimos são considerados locais de classe média/alta.

O objetivo deste texto é apresentar alguns apontamentos sobre as formas pelas quais grupos de jovens, residentes em locais de perfis socioeconômicos distintos da cidade de Juiz de Fora, se relacionam com o local e como do seu local que moram eles projetam a cidade. Entende-se que o bairro é o ponto de partida pelo qual os jovens vão tecendo suas teias

¹ A pesquisa contou com o auxílio de bolsa de iniciação científica do CNPq e da Propesq/UFJF.

de relações com a cidade. Segundo MAYOL (1996) o bairro é como um

[...] pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência (MAYOL, 1996. pag. 41).

Dele, os passos dos jovens trilham caminhos pela cidade, tendo um importante papel nas formas de convivência e sociabilidade, criadas pelo seu compartilhar cotidiano. O bairro pode ser considerado sob várias dimensões, em suas características históricas, estéticas, topográficas, socioeconômicas, etc. (MAYOL, 1996. pág. 41), sendo definido por LEFEBVRE (1975) como integrante do espaço e do tempo da cidade. Para o autor, o bairro teria:

[...] a diferença mínima entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e pelos centros ativos. Seria o ponto de contato mais acessível entre o espaço geométrico e o espaço social, o ponto de transição entre um e outro; a porta de entrada e saída entre espaços qualificados e espaço quantificado, o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais etc) em espaço comum, quer dizer, geométrico. (LEFEBVRE, 1975, p. 200-201).

No entanto, as formas pelas quais se estabelecem as relações com o local de moradia são múltiplas e diferentes, sendo resultantes de processos distintos e desiguais, isso porque o bairro é um pedaço de uma totalidade maior - a cidade - e que, por essa razão, sua compreensão somente é possível em sua correlação com essa totalidade. Assim,

[...] a compreensão das relações que os jovens tecem pela cidade a partir de seus bairros pressupõe o entendimento da existência histórica-concreta de seus bairros na cidade. Ele não é uma unidade autônoma e atemporal. Sua produção, organização e expressão são resultantes das formas e processos históricos de constituição da cidade como totalidade (CASAB e MENDES, 2011, p. 10).

Para identificar a importância deste local para alguns deles, na pesquisa foram realizadas entrevistas com os que possuíam faixa etária de 17 a 24 anos,

separados em dois grupos: os de classe baixa e os de classe média/alta.

A metodologia utilizada foi a partir da aplicação de questionários estruturados e realização de entrevistas (baseadas no roteiro semi-estruturado) com a finalidade de obter informações respectivamente, quantitativas e qualitativas.

Os questionários foram compostos por perguntas relacionadas à compreensão da cidade e do bairro por eles; as relações estabelecidas no local; o que os eles acham de bom e de ruim nas redondezas de sua moradia; e como é ser jovem em seu local de residência e na cidade. O questionário estruturado foi aplicado e respondido pelos próprios jovens com auxílio dos monitores que coordenaram as entrevistas.

Foram entrevistados 40 ao todo sendo 10 de cada área pesquisada. As entrevistas realizadas foram feitas com a reunião dos mesmos, e nessas reuniões entrevistávamos somente aqueles que residiam naquele local. Foi optada para as entrevistas, para que em suas falas, um pudesse comentar a fala do outro complementando e enriquecendo os diálogos, para que dessa forma houvesse discussões entre eles. Paralelo a aplicação de questionários foram realizados trabalhos de campo para registrar as condições físicas e estruturais de cada um dos locais pesquisados.

Assim, pretendeu-se discutir e analisar as diferenças relatadas pelos dois grupos, sobre os bairros, destacando as formas de relações e as imagens que possuem sobre o seu local de residência. Para tanto, o trabalho organiza-se em três momentos. Primeiramente, apresenta as características dos entrevistados e dos quatro bairros pesquisados. Posteriormente, são apresentadas as falas deles sobre as áreas de estudos e a cidade com intuito de estabelecer uma leitura comparada. Por fim, são feitas as considerações finais, indicando novas possibilidades de estudo.

Os jovens e seus bairros:

Os entrevistados do Granbery e Bom Pastor são na maioria estudantes de nível universitário. Todos se autoidentificam como brancos e possuem trabalhos relacionados ao próprio curso a que estão vinculados (bolsa e estágios), sem, no entanto, ajudarem nas despesas familiares. Sua renda familiar varia de R\$ 1.500,00 a R\$ 12.000,00. Muitos destes, moram no próprio local desde que nasceram e grande parte são da cidade de Juiz de Fora.

Os entrevistados do Santo Antônio e Vila Esperança II têm, na maioria, escolaridade até o ensino médio. Metade deles se auto-identificam como bran-

cos e a outra metade como negros. Alguns deles têm atividades remuneradas e ajudam nas despesas de casa. A renda familiar varia de R\$ 500,00 a 1.500,00. Assim como os das áreas de classe média/alta, os entrevistados, em sua maioria, moram no local desde que nasceram, sendo que grande parte deles nasceram em Juiz de Fora.

Na tabela a seguir é possível verificar as diferenças dos locais de residências de classe baixa.

Tabela 01 - Comparação dos jovens do Santo Antônio e Vila Esperança II

Comparação dos bairros classe baixa	
Santo Antônio	Vila Esperança II
70% jovens moram com os pais	60% jovens moram com os pais
90% estudaram em rede pública	100% estudaram em escola pública
30% dos jovens tem uma atividade remunerada	60% dos jovens tem uma atividade remunerada
Na família a renda varia de menos de 500 a 3.500 reais mensais	Na família a renda varia de 501 a 1500 reais mensais
A atividade mais realizada pelos jovens em primeiro lugar é o esportes	As atividades mais realizadas em primeiro lugar são: a leitura e a internet

Fonte: arquivo do grupo NuGea, 2011.

Granbery e Bom Pastor apresentam uma boa estrutura física (ruas asfaltadas, iluminação, rede de esgoto, água tratada etc), sendo bem conservados pela prefeitura, que os mantém em boas condições. O Granbery é um importante e tradicional bairro próximo ao Centro de Juiz de Fora. Pela proximidade do Centro, o Granbery tem algumas ruas movimentadas e um comércio crescente, além de muitos equipamentos, em sua maioria privados. Muitas pessoas utilizam-no para passagem ou para serviços. No entanto, o local é majoritariamente residencial, com população em torno de seis mil habitantes.

A partir dos dados dos questionários pode-se criar a tabela a seguir, na qual é possível verificar as diferenças dos residentes dos bairros de classe média/alta.

Tabela 02 - Comparação dos jovens do Bom Pastor e Granbery

Comparação dos bairros de classe média alta	
Bom Pastor	Granbery
40% tem uma atividade remunerada	80% tem uma atividade remunerada
Muitos jovens estudantes morando em república ou com amigos	A maioria dos jovens moram com os familiares
90% das famílias possuem renda acima de R\$ 5.001,00	80% das famílias possuem renda em torno de 1.501 a 4.000 reais mensais
90% dos jovens estudaram em rede particular	70% dos jovens estudaram em rede particular

Fonte: arquivo do grupo NuGea, 2011

Já no Bom Pastor, a presença de equipamentos público/privados é pequena. Em parte, isso se expli-

ca pelo fato de que os próprios moradores desejam mantê-lo com características predominantemente residenciais, pois consideram ser essa uma estratégia para manterem a tranquilidade do local. O Granbery e o Bom Pastor apresentam praças e ruas pouco movimentadas. Poucos são os que usam com frequência as praças e as ruas do local com o intuito de promover encontros. Outro aspecto a ser destacado é o caráter verticalizado do Bom Pastor. Sendo uns dos locais de maior renda da cidade, é grande a especulação imobiliária, potencializando a atração de famílias com maior renda e dificultando os encontros em seus espaços públicos.

Nos locais de residência de classe baixa, as condições das praças, das ruas e da iluminação deixam a desejar, assim como a falta de assistência social. Os indivíduos desses locais, que utilizam as ruas e os equipamentos públicos veem esses espaços abandonados e em péssimas condições de uso. Cabe, no entanto, a ressalva de que, no caso do Santo Antônio, por ser o bairro mais antigo da cidade, há uma maior presença de equipamentos públicos e privados quando comparado a Vila Esperança II. Neste último, a dependência das adjacências vizinhas e do próprio centro da cidade para utilização dos equipamentos (postos policiais, posto de saúde, praças, mercados, farmácias, entre outros) é ainda maior. No entanto, ambos caracterizam-se pela grande existência de residências horizontais, na sua maioria em alvenaria, além da presença dos chamados “puxadinhos”.

Na tabela a seguir é possível verificar as diferenças dos locais de classe baixa, com os locais de classe média/alta.

Tabela 03 - Comparação dos jovens do Santo Antônio e Vila Esperança II com os do Bom Pastor e Granbery

Comparação dos bairros de classe média/alta x classe baixa	
Classe média/alta	Classe baixa
A menor renda está em torno de R\$1.500,00	A maior renda esta em torno de R\$1.500,00
60% dos jovens trabalham	45% dos jovens trabalham
80% estudaram em rede particular	95% estudaram em rede pública
o espaço mais frequentado é o cinema.	O espaço mais frequentado são as praças dos bairros

Fonte: arquivo do grupo NuGea, 2011.

As fotos a seguir ilustram um pouco da estrutura física dos locais.

Foto 1 - Santo Antônio



Foto 2 - Vila Esperança II



Foto 3 - Granbery



Foto 4 - Bom Pastor



Fonte: NuGea, 2011

Pelos resultados obtidos nas entrevistas realizadas na pesquisa foi possível notar que, pela convivência cotidiana, os jovens vão criando sentimentos de identidade e pertencimento com os seus respectivos bairros, pois são neles que os indivíduos se relacionam uns com os outros no seu dia a dia. As relações existentes são criadas no cotidiano, pois nesse ambiente social, o local constitui para o seu usuário uma parcela do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido (CERTEAU, 1996).

Contudo, essas relações de uso e apropriação que os eles criam com seu bairro e com a cidade são distintas em função de fatores como os laços identitários existentes, os distintos padrões de sociabilidade e a maior ou a menor ênfase dada a um determinado modo de vida individualista.

Durante a pesquisa, a identificação dos entrevistados com o seu bairro variou entre os dois grupos estudados. Notou-se que entre os jovens Santo Antônio e de Vila Esperança II o sentimento de pertencimento é mais intenso. Nos locais, eles se sentem reconhecidos e protegidos ao andarem por suas ruas, pois se identificam com o seu vizinho de porta e de rua, seja pelo modo de vestir-se seja por compartilharem um determinado padrão estético

e cultural. É o caso, por exemplo, da sociabilidade e reconhecimento gerados pelo modo “tchun-tcha” de ser².

Assim, quando perguntados quais as imagens que possuem de suas áreas de residência, os jovens de Santo Antônio e Vila Esperança II disseram:

Ah, eu gosto daqui, aqui é bom, igual eles falou, tem violência, tem droga, mas é um lugar bom, eu gosto daqui (sic).

Ah, um bairro bom de se morar, né? Como vocês também falaram, é, tem muita também influência, é, tem muita influência também no bairro, muita briga, violência, tem rixa, eu acho que se não tivesse tantas coisas ruins assim, poderia ser um bairro ainda melhor... (sic).

O bairro Vila Esperança II não é um lugar ruim de se viver, é um lugar bom de se viver porque a gente, bom, pode andar livre (sic).

Saúde é mais ou menos. Aqui, é, só falta muito remédio, só isso. Você tem que levantar de madrugada pra consulta, mas o único problema aqui é falta de remédio. As praças estão abandonadas (sic).

² “Tchun-tcha”: “Moleques de boné, camisa listrada, short pequeno, chinelo kenner, bonézinho solto, com cordãozinho de prata grosso é o ser jovem dos bairros pobres”. Palavras dos moradores do bairro Vila Esperança II. Definição gravada durante entrevista realizada no bairro.

Ah, de bom tem muitas coisas. A nossa própria praça mesmo, pra mim é uma das melhores praças públicas que eu acho, né? Tem em outros bairros, mas se for colocar em vista, assim, Linhares, Bom Jardim, essas praças, assim, ó... (sic).

Embora reconheçam a existência da violência no local e a falta de determinados equipamentos, para eles, viver em Santo Antônio e em Vila Esperança II é algo positivo, pois nesses espaços é possível “andar livre”. A possibilidade do encontro com o outro pelas ruas e praças é o elemento positivo para os jovens. Elemento que não aparece dentre os residentes em Bom Pastor e Granbery. Em suas falas, as imagens positivas vinculam-se à oferta de equipamentos e serviços, à proximidade ao centro e à não-violência. Todos estes aspectos conferem um caráter de tranquilidade ao local. Alguns dos deles afirmaram:

Moro aqui desde sempre, volto da aula sozinha, passo 11 horas da noite e passo tranquila sem problema nenhum, é um bairro tranquilo, tal, não tem medo... Aqui tem de tudo, tem padaria, tem locadora, tem barzinho, tem mercado, tem tudo perto, eu acho excelente, não penso em mudar daqui (sic).

Muito bom. O bairro é muito bom. Eu moro aqui há vinte anos, desde que nasci, nunca tive problema aqui de assalto, tanto que minha avó mora aqui, meu tio mora aqui, minha família, assim, minha família mais próxima mora toda aqui (sic).

Não tenho problemas, por enquanto ainda tá dando pra você andar tranquilamente aqui, minha irmã tem quinze anos, mora aqui também, cresceu aqui, né?! Pode brincar na rua ainda, essas coisas... Bem perto do centro, né?! Muito bom, eu gosto muito de morar aqui. Eu até quando casar, se Deus quiser, eu vou morar aqui (sic).

Para estes, as ruas e as praças dos locais de residência não são lugares de encontro, configurando-se apenas como de passagem. Assim, embora sejam bairros dotados das melhores infraestruturas e de praças equipadas e conservadas, essas são pouco utilizadas, tendo o seu uso muito mais vinculado à passagem do que à permanência, ao encontro e à convivência.

E mesmo quando se referem a uma possível situação de violência, o problema não aparece como do bairro, mas sim como resultante da proximidade de alguns locais pobres. Um dos jovens residentes do Bom Pastor disse: “Eu acho que é um bairro tranquilo, porém tem alguns casos de assalto devido à proximidade que tem com algumas favelas como, por exemplo, a Olavo Costa” (sic).

Nota-se, dessa forma, que em suas falas, ao apresentarem os aspectos positivos dos locais que vivem, eles não fazem menção à possibilidade do encontro e às relações existentes entre seus moradores.

O estilo de vida que esses jovens têm e levam são as principais razões para admitirem que não utilizam os espaços do bairro (quando utilizam, fazem uso de equipamentos privados: clubes, academias etc.).

Em grande medida, o próprio arranjo espacial do local favorece o não-uso de seus espaços públicos para encontros. Isso porque, em ambos os casos, os locais caracterizam-se por um acentuado padrão de verticalização, marcado pela construção e pela oferta de moradias de alto padrão construtivo que, em muitos casos, disponibilizam em seus espaços internos e privados os lugares de encontro³ que, por seu turno, (re) produzem uma lógica de sociabilidade que se confronta com aquela apontada pelos entrevistados de Santo Antônio e de Vila Esperança II, fortemente caracterizada pela vizinhança.

Estes aspectos explicam, em parte, os diferentes usos que os jovens têm de seus bairros. Dentre aqueles residentes nas áreas de classe baixa, predomina um uso fortemente centrado pela e na confecção de teias de solidariedade e vizinhança, sendo a rua e a praça os lugares a partir dos quais elas são produzidas. Isso porque, nestes bairros, a rua e a praça se constituem como lugar de encontro e de sociabilidade, expondo as diversidades, os interesses comuns, e distintos, recriando as experiências sociais destes, cotidianamente.

Modelo que parece não se aplicar no caso dos moradores dos locais de maior renda. Os seus lugares de convivência são, predominantemente, os espaços privados: as casas, as áreas sociais dos prédios, os bares e/ou o clube, sendo as ruas e as praças usadas predominantemente como passagem.

Para SOUZA (1989), existem diferenças convívias dependendo do tipo de bairro:

Nos bairros ricos, os homens vivem juntos sem saber sequer quem é seu vizinho. Mas nas ruas e becos densamente povoados dessas mesmas cidades todos se conhecem bem e se encontram em contato contínuo. Naturalmente, nos becos, como em todas as partes, as pequenas rixas são inevitáveis, mas também se desenvolvem relações segundo as inclinações pessoais, e dentro destas relações se pratica a ajuda mútua em tais proporções que as classes mais ricas não têm ideia.

³ O mesmo pode ser pensado quando se trata da existência de moradias horizontais, onde predominam as casas de grande valor construtivo.

É neste sentido que foi possível perceber que, de maneira geral, para os jovens de classe baixa entrevistados, os espaços (suas ruas e praças) são centrais na construção e nas significações das redes de relações sociais que estabelecem entre si, com o próprio local e com a própria cidade. Já o outro grupo acabou por tecer essas redes de forma menos centrada no uso dos espaços públicos. Isso porque, como foi visto, esses jovens tendem a privilegiar contatos mais seletivos e em espaços privados.

Em sua maioria, as imagens criadas pelos entrevistados apontam que seus bairros são bons lugares para se viver. Os jovens gostam de seus bairros e ao caracterizá-lo, além de apontar pontos positivos a respeito do bairro, os entrevistados defendem o local, dizendo que pretendem continuar vivendo ali

Os sujeitos da pesquisa residentes nos bairros Granbery e Bom Pastor têm imagens de um local tranquilo para morar. Ao serem questionados a respeito dos outros bairros pesquisados, suas respostas demonstram uma concepção que se assemelha àquela veiculada na mídia, em que esses bairros apresentam-se como locais de muita violência e pontos de tráfico de drogas.

Com relação aos jovens entrevistados dos bairros de classe baixa, este público também aponta estar satisfeito com o local em que vive. Quando lhes foi perguntado a respeito do que achavam que a população e os outros jovens viam em seus bairros, os entrevistados responderam que não se importavam com o que as pessoas pensam a respeito. Além disso, os jovens apontaram não concordar com o que é noticiado pela mídia, justificando que as imagens veiculadas são pré-concebidas. Ao discutir sobre os bairros de maior renda da cidade (Bom Pastor e Granbery), demonstraram através de suas respostas, que consideram serem bons locais no município, por apresentarem infra estrutura adequada e inclusive mais privilegiados em infra estrutura que o bairro deles, que mais necessitam por utilizarem mais esses espaços públicos. No entanto, mais uma vez os jovens reforçaram que não trocam seus bairros por aqueles de classe média/alta.

Considerações Finais

Este trabalho pretendeu compreender as relações que os jovens de perfis econômicos e culturais díspares estabelecem com seus bairros. Nele foi possível notar que diferentes modelos de sociabilidade conformam distintas relações com os locais e os seus espaços públicos.

O que se observa cada vez mais é que a dimensão de espaço público vem perdendo lugar na medida em que prevalecem formas de sociabilidade centradas em arranjos espaciais que celebram a organização da vida cotidiana a partir do uso privado e individualizado das ruas e praças. Isso, pois, como lembra Henri Lefebvre, numa sociedade cada vez mais marcada pelo caráter mercantil nas ruas "(...) caminha-se lado a lado, não se encontra. É o 'se' que prevalece. A rua não permite a constituição de um grupo, de um 'sujeito', mas se povoa de um amontoado de seres em busca. De quê? O mundo da mercadoria desenvolve-se na rua" (LEFEBVRE, 1999, p.30). Nela, a vida fragmenta-se entre o mundo privado e o público, onde o primeiro é privilegiado, sobrepondo-se ao segundo.

Mas se de um lado a pesquisa apontou para essa direção, de outro, ela reforçou e reafirmou a centralidade do espaço público na constituição das formas de socialização dos jovens pobres. Para esses, muito mais do que para os de renda média e alta, a rua é o lugar onde se estabelecem suas redes de relações sociais, onde eles se reconhecem com e no outro, sentindo-se pertencentes a um determinado grupo social. É assim que, quando usadas para o encontro e convivência, as ruas e praças das áreas de classe baixa constituem-se como verdadeiros espaços públicos. Espaços onde a coexistência propicia a troca, o compartilhar de experiências e a construção de projetos.

É assim que são os locais populares os que mais se aproximam ao conceito de lugar, como fora proposto por Milton Santos, pois neles ainda residem os sentidos de co-presença, horizontalidade, contiguidade, vizinhança e interação. São em seus bairros que estes jovens vivem não apenas a experiência da escassez como também as de solidariedade e de interdependência, geradas nas situações cotidianas. Para este autor, o lugar é a extensão do acontecer solidário que define diferentes usos e valores. É espaço de existência e coexistência como "a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, logo da troca de informação, logo da construção política" (SOUZA, 2005. p. 253-254).

É preciso ressaltar, no entanto, que essas possibilidades são usadas distintivamente segundo os lugares e os seus habitantes. Dito de outra forma se é verdade que o bairro é o lugar a partir do qual os jovens trilham seus percursos e suas relações com a cidade, também é verdade que essas serão distintas em função dos diferentes usos e apropriações que fazem dele. Diferenças essas que são, como foi visto, um produto de distinções sociais, econômicas, políticas e culturais.

Assim sendo, os diferentes usos que os entrevistados têm de suas áreas de vivência resultam e são resultantes de centralidades distintas que os espaços públicos de seus bairros têm na conformação de suas relações sociais. Isso porque é pelo uso e pelas suas formas de apropriação para a produção da vida – em todos os seus momentos – que os jovens vão significando seus locais e a própria cidade. É neste sentido que é possível afirmar que, para os de Santo Antônio e Vila Esperança II, mais do que para os residentes em Bom Pastor e Granbery, os bairros são importantes, pois por eles, e a partir deles, são tecidas as relações, as vivências e os encontros que marcam os processos da vida urbana e dão à cidade a sua dimensão política.

Referências Bibliográficas

CASSAB, C. e MENDES, J. T. N. **Jovens e cidade: um estudo comparativo em cidades médias**. In: XXVIII Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, 2011, Recife.

BEZERRA, J. A. **Como definir o bairro? Uma breve revisão**. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/118/109>>. Acesso em: 10 agosto. 2011

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MAYOL, P; GIARD, L; CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

SANTOS, M. Da **Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. A. **O retorno do território**. In: Milton Santos; Maria Adélia A. de SOUZA; Maria Laura Silveira. (Org.). **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994, v. , p. 15-20.

SOUZA, M. J. L. **O bairro Contemporâneo: ensaio de abordagem política**. In: Rev. Brasileira de Geografia, 51. Rio de Janeiro, abr/jun 1989.